

**Caminhos  
possíveis à  
decolonialidade  
na  
intercultural-  
zação de  
saberes do  
povo Tapeba**

• Revista  **mosaico**

**Gisane Monteiro de  
Andrade<sup>1</sup>**

**Possible paths  
to decoloniality  
in the  
interculturalization  
of knowledge  
from the Tapeba  
people**

## Resumo

A colonialidade da natureza e da própria vida desconsidera a mística dos seres ancestrais presentes nas narrativas dos povos originários, refutando sua conexão com a natureza. Objetivamos buscar alternativas decoloniais na Geografia Indígena, analisando a relação espiritual do povo Tapeba com a natureza. Os procedimentos metodológicos utilizados tiveram como base inicial a pesquisa bibliográfica para discussão teórica sobre colonialidade da natureza e do ser, epistemologias do Sul, corpo-território e ecologia de saberes, o que nos levou a compreender que a Geografia Indígena interculturaliza saberes, dando possibilidades de produzir saberes híbridos decoloniais.

**Palavras-chave:** Geografia indígena; Epistemologias do Sul; Ecologia de saberes;

## Abstract

The coloniality of nature and of life itself, disregards the mystique of ancestral beings present in the narratives of native peoples, refuting their connection with nature. We aim to seek decolonial alternatives in Indigenous Geography, analyzing the spiritual relationship of the Tapeba people with nature. The methodological procedures used were initially based on bibliographic research for theoretical discussion on coloniality of nature and being, epistemologies of the South, body-territory and ecology of knowledge, which led us to understand that Indigenous Geography interculturalizes knowledge, providing possibilities for produce decolonial hybrid knowledge.

**Keywords:** Indigenous geography; Epistemologies of the South; Ecology of knowledge

## Introdução

As narrativas coloniais da modernidade declaram um conhecimento universal, neutro, eurocêntrico, que desqualifica tudo que não esteja dentro do padrão verticalizado da modernidade ocidental, subalternizando os saberes distintos dos povos originários, colonizando o imaginário social dos sujeitos, e por sua vez, gerando distintas formas de colonização, dentre elas a colonização do ser e da natureza. A colonialidade do ser e da natureza desconstitui os saberes ancestrais passados de geração a geração, inferiorizando o que difere do modelo ocidental de desenvolvimento.

Os povos indígenas Tapebas, situados no município de Caucaia-CE, constituem uma marca de resistência frente ao sistema colonial eurocêntrico, reafirmando seus saberes ancestrais na defesa de seus territórios de vida. A resistência do povo Tapeba ao violento projeto colonial nos mais de 500 anos de Brasil evidenciam a busca de caminhos alternativos a afirmação cultural de seu povo. Os atravessamentos das contranarrativas do corpo-território-docente indígena (MIRANDA, 2020), possibilitam uma leitura do mundo sobre a perspectiva dos sujeitos, desabrochando memórias escondidas, como um lugar de pausa e reflexão para as rupturas fundamentais.

Para Miranda corpo-território-docente representa: “processo dialético, no qual o educador se perceba, também, diferente e consiga trabalhar com o mesmo realce ao se relacionar com as alteridades”. (MIRANDA, 2020, p.148). Nesse sentido, a docência indígena, no anteparo de seus territórios de vida, busca itinerários distintos à inclusão dos saberes artesanais nas disciplinas escolares, encontrando caminhos alternativos à interculturalização do conhecimento.

Essa demanda epistemológica vai ao encontro do conhecimento disciplinar de geografia, buscando nas trajetórias interculturais, possibilidades dos saberes tradicionais indígenas, ressignificarem o conhecimento geográfico, corporificando a busca contínua de alternativas de fronteira para a decolonização do ser, do saber e da natureza, pelos caminhos das epistemologias do Sul, designados por Santos; Menezes como: “a diversidade epistemológica do mundo[...]”. (SANTOS; MENEZES, 2013, p. 19).

O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados

pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. As epistemologias do Sul defendem a diversidade epistemológica do mundo, pela articulação da ecologia de saberes, onde saberes artesanais e científicos sejam bem-vindos ao diálogo, sem que um saber sobreponha o outro.

Nessa conjuntura, é trazida à discussão a distinta forma como os povos originários relacionam-se com a natureza, constituindo um diálogo horizontal, numa relação espiritual e intrínseca com a mesma. Essa relação é trazida à discussão no contexto escolar indígena, através da geografia indígena, fortalecendo a luta por afirmação do povo Tapeba. O povo Tapeba, declara a importância da mãe terra, originando todas as formas de existência, para onde os corpos indígenas retornarão e “encantarão” em árvores sagradas e elementos da natureza, constituindo o que é chamado por eles de “encantarias”. Nesse sentido, Krenak corrobora:

Nós temos uma compreensão de que a gente continua, em outros termos, a existir. Nós somos terra. A gente volta para a terra, volta para os rios, volta para as florestas. É por isso que quando você abraça uma árvore, você pode estar abraçando um irmão. (KRENAK, 2020, p. 30).

O sentimento de pertencimento e afirmação do modo de ser ancestral Tapeba, encontram na encruzilhada de saberes, alternativas de brecha para constituição de saberes híbridos, que tornem possível a ecologia de saberes. Assim, objetivamos buscar alternativas decoloniais na geografia indígena, analisando a relação espiritual do povo Tapeba com a natureza.

Desse modo, encontramos nas narrativas orais indígenas, ferramentas na luta contra a dominação capitalista colonial, igualando qualquer diferença temporal, onde passado, presente e futuro encontram-se na encruzilhada de saberes da memória coletiva de seu povo. No desfecho dessa trajetória, os saberes indígenas, produzem saberes articulados com o conhecimento escolar, trazendo ao contexto disciplinar, a natureza incorporada à ancestralidade Tapeba.

## **Material e Métodos**

Os procedimentos metodológicos utilizados tiveram como base inicial a pesquisa bibliográfica para discussão teórica sobre colonialidade do ser e da própria vida, da natureza, do saber (FLEURI, 2018), narrativas orais (SANTOS, 2019),

epistemologias do sul (SANTOS, 2019), corpo-território (MIRANDA, 2020) e ecologia de saberes (SANTOS, 2019), o que nos leva a compreender que o povo Tapeba busca a interculturalização dos conhecimentos disciplinares com os saberes artesanais dos corpos-territórios indígenas, dando possibilidades de produzir saberes alternativos decoloniais.

Desse modo, pelos atravessamentos das experiências dos corpos-territórios indígenas, saberes híbridos são corporificados, na constituição de um diálogo intercultural com a diversidade, desnaturalizando as relações verticalizadas hegemônicas, por uma justiça social, buscando caminhos alternativos pelas epistemologias do Sul, necessários à decolonização do saber.

Inferimos, portanto, que os saberes indígenas Tapebas buscam encontrar alternativas de brecha na geografia disciplinar pelos saberes da ancestralidade, constituindo uma geografia indígena. A natureza incorporada aos saberes artesanais do povo Tapeba evidenciam uma conexão espiritual com seus elementos, numa convivência horizontal e dialogada.

Nesse sentido, as narrativas expressas pelos corpos-territórios-docentes indígenas corporificam os saberes dos arquivos vivos da memória ancestral em diálogo com os conhecimentos acadêmicos, numa ecologia de saberes. A pesquisa está sendo realizada na aldeia da Jandaiguaba em Caucaia-CE recorrendo a conversas livres com lideranças, professores e gestores indígenas na busca de revelar a interculturalidade e potencialidade decolonial da geografia indígena.

## Resultados e discussões

Os povos originários foram submetidos por mais de quinhentos anos a um sistema colonial que impregnou no imaginário dos sujeitos distintas formas de colonialidade, inscritas na sociedade moderna pela hegemonia eurocêntrica, subalternizando o modo de ser indígena e seus saberes ancestrais. A colonialidade da natureza e da própria vida, alicerçada pela categoria raça, é uma representação da herança colonial impressa na historicidade dos povos originários, definidos por Fleuri como:

Com base na divisão binária natureza/sociedade se nega a relação milenar entre mundos biofísicos, humanos e espirituais, descartando o mágico-espiritual-social que dá sustentação aos sistemas integrais

de vida e de conhecimento dos povos ancestrais. (FLEURI, 2018, p. 250).

O mágico-espiritual-social é visto como base de sustentabilidade dos saberes milenares dos povos originários, como saberes integrais presentes no modo de vida indígena. No entanto, o sistema colonial impregnado na sociedade, traz visibilidade a colonialidade da natureza e da própria vida, invisibilizando a mística dos seres ancestrais presentes no modo de ser dos povos originários. Nessa conjuntura, Mortari; Wittmann afirmam:

Não há separação possível entre a colonialidade do ser e da natureza, provoca o autor, afinal, não existem distinções cartesianas no modo de ser efetivamente decoloniais indígenas. A retomada do ser ancestral, de uma relação intrínseca entre homens, mulheres, plantas e animais, na contramão de uma divisão imposta pela modernidade entre humanos e natureza, é a decolonização necessária. (MORTARI; WITTMANN, 2020, p.22).

A colonialidade do ser, fortaleceu a racialização dos povos, subalternizando a existência e saberes indígenas, em nome de um saber universal eurocêntrico, neutro e desconectado da constituição do ser indígena.

Nesse contexto, os saberes ancestrais dos povos originários são descredibilizados pela sociedade moderna, uma vez que não representam um saber racional e científico, centrado no padrão da modernidade ocidental, desconsiderando a conexão dos povos originários à natureza. Sua medicina tradicional e espiritualidade são representações de sua relação intrínseca com a natureza.

Os povos indígenas Tapebas, localizados no município de Caucaia-CE, incorporam esses saberes, resistindo a violência eurocêntrica que atravessa sua existência, consubstanciando saberes passados de geração a geração nas narrativas de seu povo, presentes nos ensinamentos dos anciãos da comunidade, lideranças e professores indígenas.

As narrativas destes povos evidenciam a presença do modo de ser indígena na constituição formativa docente e discente, incorporando alternativas decoloniais nos contextos escolares. Suas narrativas evidenciam a resistência ao longo dos séculos, apesar de perdas significativas na herança ancestral, vendo na escola diferenciada indígena, uma forma de afirmação de sua cultura. Desse modo, o alcance de alternativas outras à decolonização do conhecimento escolar é uma busca necessária a interculturalização do conhecimento produzido na escola

diferenciada das comunidades Tapebas.

O resgate da ancestralidade abre caminhos possíveis à decolonização, denunciando a opressão vivida nos séculos de colonização, reafirmando a identidade indígena. Esse resgate é acima de tudo um ato de resistência à imposição da sociedade moderna colonial, perscrutando formas contínuas de afirmação do ser ancestral indígena. Esses caminhos são possíveis com a participação de todos os atores desse processo, dentre eles: lideranças, anciãos das aldeias e professores indígenas que fazem a ponte necessária a busca de caminhos alternativos à decolonização de saberes.

A escola diferenciada indígena, através do corpo-território docente possibilita o exercício intercultural de trazer a cultura para dentro do contexto disciplinar, abrindo frestas para as rupturas necessárias no ambiente escolar para o diálogo entre saberes. Miranda define corpo-território como: “Um texto vivo, um texto-corpo que narra as histórias e as experiências que o atravessa”. (MIRANDA, 2020, p. 25). Compreendermos que Corpo-território é um texto corpo que narra as histórias que atravessam os corpos indígenas, evidenciando a memória da ancestralidade do povo Tapeba impressa em suas narrativas.

A ancestralidade indígena é incorporada nas práticas escolares das escolas indígenas Tapebas, através de elementos como o toré presente na rotina escolar, os saberes ancestrais impressos nas aulas de geografia, expressos através do reconhecimento do território como lugar de memórias, a dimensão espiritual da natureza e a cultura presente no contexto disciplinar da escola indígena. Esses saberes são incorporados nas narrativas interculturais da docência e educandos e trazidos ao diálogo entre saberes.

A natureza é na geografia indígena mais que um conceito geográfico, ela representa o vínculo ao conceito de território, que representa lugar da existência indígena. A terra, evidencia um corpo único, incorporando uma grande teia onde todos os seres vivos vivem em comunhão com todas as formas de vida da natureza. Sendo ambos portadores de um espírito, incorporados ao espírito da floresta, das águas e do vento. Essa relação, assim como o território, é uma relação espiritual e intrínseca ao modo de ser indígena. Kambeba define o que representa a natureza para os povos originários:

A natureza é mãe e nos alimenta, por isso, há por parte das

populações indígenas e dos que vivem às margens dos rios uma preocupação quanto ao tratamento que se está dando a esse recurso precioso à humanidade. Pensar a natureza de forma sustentável é uma prática há séculos executada pelos povos da terra. (KAMBEBA, 2020, p.62).

Kambeba ao definir a natureza, incorpora a relevante significância dela para seu povo. As práticas materializadas nos saberes que são repassados de geração a geração, geram sustentabilidade natural, pois como ela representa a mãe de seu povo, precisa ser preservada e respeitada. Não há um distanciamento entre o indígena e a natureza, pois para ambos representam uma só teia natural, onde o mal que se fizer a um, estará fazendo a todo o corpo.

Essa forma de relacionar-se com a natureza vai ao encontro da filosofia do bem viver, no momento em que mostra um modo de vida distinto do modo ocidental, numa relação dialógica e aproximada com a mesma. Krenak confirma:

O Bem Viver pode ser a difícil experiência de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza, e o que nós podemos devolver. É um equilíbrio, um balanço muito sensível e não é alguma coisa que a gente acessa por uma decisão pessoal. Quando estamos habitando um Planeta disputado de maneira desigual, e no contexto aqui da América do Sul, do país em que vivemos que é o Brasil, que tem uma história profundamente marcada pela desigualdade, a gente simplesmente fazer um exercício pessoal de dizer que vai alcançar o estado de Buen Viver, ele é muito parecido com o debate sobre sustentabilidade, sobre a ideia de desenvolvimento sustentável. (KRENAK, 2020, p.9).

Na busca do equilíbrio entre os elementos da natureza e as necessidades humanas, os indígenas aproximam-se do modo de vida proposto pela filosofia do bem viver, representando um modo de vida que busca a sustentabilidade entre todos os seres naturais, onde todos tem sua significância na grande teia da vida. Assim, semelhante à filosofia do *Bem Viver*, a docência Tapeba busca produzir saberes capazes de formar corpos vivos em uma terra viva, como formas alternativas a um modo de vida que produz uma relação dialogada com a natureza, incorporando sua ancestralidade, seus saberes passados de geração em geração.

Como proposta alternativa aos problemas da modernidade que tem ameaçado a mãe Terra, a docência Tapeba tem interculturalizado saberes e possibilitado o protagonismo discente, na reprodução de seus valores ancestrais. A natureza corporifica territórios de vida do povo Tapeba, suas expressões culturais são impressas nas lutas indígenas pela demarcação de seus territórios como forma



de defesa da vida indígena, preservando por sua vez a natureza que representa um elo espiritual dos seres encantados com os corpos indígenas.

Desse modo, o povo Tapeba, resiste ao modo de ser do homem branco que considera a natureza como recurso e não como sujeito, que tem vida, que precisa de cuidados para sua sobrevivência. A R-esistência indígena tem potencialidade educadora pela possibilidade de inspirar outras lutas, possibilitando uma visão de mundo onde a coletividade é fortalecida. A R-esistência, forja a constituição do sujeito. Assim, mais do que “resistir”, o povo Tapeba R-esiste, esse contexto significa de acordo com Porto Gonçalves: “uma forma de existir, [...] que age nas circunstâncias, inclusive reage, [...] de um lugar próprio, tanto geográfico como epistêmico”. (PORTO GONÇALVES, 2006, p. 165, *apud* FERREIRA, p.193).

Essa representação é impressa nas narrativas e representações dos corpos docentes indígenas em sua luta pelo direito de existir, dando possibilidades de reproduzir territórios subjetivos de liberdade, para desconstituição da subalternização dos sujeitos indígenas. Um desses caminhos a interculturalização do conhecimento geográfico é construir com eles uma educação onde os conceitos e os saberes indígenas se conectam, e em diálogo possam buscar caminhos mais inclusivos. Desse modo, todos aprendem em comunhão, por caminhos alternativos à reconstrução de conceitos engessados do conhecimento geográfico, para a maleabilidade da diversidade.

Na busca de caminhos de resistência, o povo Tapeba, perscruta alternativas de brecha para o diálogo necessário com a diversidade, adentrando e aprofundando o conhecimento geográfico, com os saberes profundos dos povos originários aos elementos da natureza, ao seu território. Essa geografia alternativa é vista como uma forma clara de resistência, incorporando uma geografia indígena gerada nas lutas, sob o som das vozes subalternas dos povos originários. Lima confirma:

Introduzir, originariamente, práxis conceituais, ou melhor, Geografias indígenas (PORTO-GONÇALVES, 2002) como contradiscursos nas arenas das políticas dominantes, é um ato de resistência e de autoafirmação que deve obrigar os agentes multilaterais envolvidos na trama hegemônica a implantarem um projeto, reunidos de notórios saberes etnopolíticos que façam sentido na empreitada, já iniciada, de fissurar o sistema-mundo ocidental capitalista em prol de um “socialismo del buen vivir”. (LIMA, 2017, p.294).

Nesse sentido, a geografia no contexto da escola indígena Tapeba, constitui-se como uma geografia indígena, possibilitando alternativas de brecha para

caminhos dialógicos e interculturais, ainda que sob o domínio de currículos ocidentais, mas que sob a força dos povos originários, encontram caminhos diversos na encruzilhada de saberes.

Na contramão dos discursos positivistas, a geografia indígena Tapeba incorpora novos saberes incorporando os saberes Tapebas, acolhendo sua cosmologia nas práticas cotidianas, numa busca da desconstrução e recriação de formas decolonizadoras do ser, do saber e da natureza, reconhecendo a multiplicidade territorial e cultural de seu povo.

Os corpos indígenas expressam sua existência em harmonização com a sua ancestralidade, representando uma história viva e latente em suas expressões culturais, instrumentalizando a luta de seu povo. Sua epistemologia produz saberes interculturalizados, constituindo uma geografia indígena Tapeba que faz a tradução intercultural dos conhecimentos escolares, possibilitando a constituição de uma geografia onde o corpo sintetiza todas as formas de vida, incorporado a natureza e território numa conexão espiritual e conexa.

A natureza não representa numa visão indígena, objeto de estudo, mas é sujeito do processo de conhecimento, evidenciada pela relação afetiva e espiritual de educadores e educandos, relação essa que produz saberes vinculados aos elementos da natureza, numa mística interligando seus saberes ancestrais aos sujeitos. Ferreira confirma:

Comunidades indígenas, ribeirinhas, quilombolas, de pescadores artesanais e camponeses tradicionais mantêm uma relação intrínseca, de diálogo com a natureza, a partir da qual produzem a própria existência material, simbólica e afetiva. (FERREIRA, 2017, p.192).

Para os povos originários, a natureza é lugar de revisitação aos seus ancestrais, lugar de fortalecimento da memória coletiva de seu povo. A natureza representa o território, a terra, conexão espiritual entre todos os elementos vivos.

A natureza, no ensino de geografia da escola indígena é ressignificado, a partir da incorporação dos saberes indígenas no ensino escolar. As disciplinas como um todo são levadas a dialogar com a cultura através das experiências dos corpos-territórios da docência, como alternativas possíveis a interculturalização dos saberes escolares. Segundo a narrativa de Bel Tapeba, coordenadora da Escola Indígena Aba Tapeba:

*Atualmente a escola municipal não tem um currículo diversificado quanto a questão indígena, então trabalhamos todo o currículo de disciplinas normais, no nosso dia a dia a gente vai colocando as especificidades indígenas. Se quero trabalhar o artesanato, trago isso para minhas disciplinas, não tenho uma disciplina específica de artesanato indígena, de espiritualidade; São trazidas para dentro das disciplinas normais, em artes, história e geografia é bem forte, trazendo um fomento maior para nossa cultura (Narrativa indígena de Bel Tapeba, coordenadora da escola Aba Tapeba, Julho/2022).*

Na escola indígena Tapeba, a natureza é narrada junto a mística de seus seres encantados, mostrando formas de refletir sob a forma vertical a qual ela tem sido pensada pelo pensamento ocidental, levando a discussão as notórias mudanças dos lugares indígenas. Nesse sentido, como grande mãe, a natureza é concebida e repassada de geração a geração na escola e na aldeia, afirmando o modo de ser indígena. Aráoz confirma:

Repensar a Terra como questão vital-fundamental é repensá-la e redescobri-la como Mãe. E é também repensar-nos, os seres humanos, como ontologicamente filhos da Terra: seres terrestres, no sentido existencial de que não vivemos somente sobre a Terra e da Terra, mas que literalmente somos Terra. Precisamos, de modo urgente, voltar a saber-nos e, sobretudo, sentir-nos Terra. (ARÁOZ, 2016, p. 467).

Os saberes indígenas Tapebas afirmam uma terra mãe, da qual são originadas todas as coisas, onde os seres encantados comungam com os corpos indígenas, de onde também retornarão e “encantarão” em árvores sagradas e elementos da natureza, constituindo o que é chamado por eles de “encantarias”. João Kennedy Tapeba, professor e liderança indígena, declara em sua narrativa:

A encantaria representa a relação que o homem tem com a natureza e com o meio espiritual[...]. Nós do povo Tapeba, temos como pai Tupã, criador de tudo, e a mãe Tamain, a mãe Terra, viemos dela, retornaremos para ela, não a parte física, mas a parte espiritual. A parte que foi dada para o pai Tupã, vai para um plano que alguns dos nossos parentes chamam: reino da Jurema, onde estarão os guerreiros que tombaram. A parte física pode se encantar numa árvore sagrada como a carnaúba, a árvore dos Paus Brancos, ou num plano maior no reino da Jurema, chamado reino da encantaria onde podemos conversar com nossos guerreiros que se foram. Cada carnaúba que temos aqui é um guerreiro que encantou, muitos dos nossos guerreiros estão aqui, por isso temos muitas carnaúbas, assim se arrancarmos uma árvore, estamos arrancando um dos nossos guerreiros. (João Kennedy Tapeba, professor e liderança Tapeba, Julho/2021).

A docência Tapeba, afirma uma existência intrínseca e espiritual da mãe terra e seus elementos com sua historicidade, fortalecendo a cultura ancestral de seu povo, num entrecruzamento de existências, presentes em suas narrativas, revelando o universo simbólico e subjetivo do modo de ser Tapeba. Assim, Shapannan define encantarias:

Encantou-se, tomou nova forma de vida, numa planta, num acidente físico-geográfico, num peixe, num animal, virou vento, fumaça. Está entre nós, mas não o vemos, ele encantou-se e permaneceu com a mesma idade cronológica que tinha quando esse fato se deu. (SHAPANAN, 2004, p.36).

As encantarias mostram a forma espiritual do povo Tapeba ver a natureza, seu sentimento de pertencimento como grande mãe terra, imortalizada na memória e cultura tradicional, incorporadas nos corpos-territórios indígenas expressas em suas narrativas. Assim, Santos confirma:

Narrativas, histórias e parábolas têm um final aberto. Deixam-se reinterpretar e recontextualizar e, nesse sentido, permitem uma contínua reinvenção da autoria e da coautoria. Os contadores de história são sempre coautores das histórias que ouviram contar aos seus antepassados. (SANTOS, 2019, p. 95).

As narrativas orais representam ferramentas de fortalecimento da luta contra a dominação capitalista, igualando qualquer diferença temporal, onde passado, presente e futuro encontram-se na encruzilhada de saberes da memória coletiva do povo Tapeba. As histórias impressas na memória do povo Tapeba são expressas na oralidade, narrando seus marcadores, indo ao encontro das epistemologias do Sul pelos caminhos artesanais da interculturalidade de saberes, que segundo Santos tem como objetivo: “Permitir que os grupos sociais oprimidos representem o mundo como seu e nos seus próprios termos, pois apenas desse modo serão capazes de o transformar de acordo com as suas próprias aspirações”. (SANTOS, 2019, p. 17).

As epistemologias do Sul possibilitam o deslocamento do lugar de enunciação dos sujeitos para a posição dos povos subalternizados Tapebas, possibilitando aos mesmos a representação do mundo de acordo com suas epistemes, num exercício genuíno de possibilidades decoloniais ao conhecimento escolar. Os saberes indígenas seguem na contramão das narrativas da modernidade, apresentando-se como contranarrativas, cuja relação intrínseca com a natureza declaram os corpos indígenas incorporados à mãe natureza.

Assim, numa fusão de corpo, espírito e natureza como única expressão de vida, a fragmentação do conhecimento se desconstitui, interculturalizando a constituição dos seus saberes ancestrais ao conhecimento escolar. Os corpos territórios indígenas Tapebas, representam a constituição da vida indígena em harmonia com a natureza, uma vez que ela representa sua própria existência. Desse modo, o povo Tapeba defende uma natureza viva para continuidade da existência humana em sua completude. O pensamento de Krenak vai ao encontro desse pensamento:

Na história do nosso povo, o corpo, a pessoa é uma realização social, desde quando a gente é sonhado. Viemos para o mundo pela nossa família, da nossa mãe. Nós somos sonhados e depois somos acompanhados, espiritualmente, para a gente ser humano. Então o ser humano não é um evento, não é uma coisa que pipoca ali, pipoca aqui. Ele é uma construção. Na maioria de nossas histórias, a pessoa humana é uma construção. Então vamos pensar a educação como foi pensada até agora, ela precisa ir além para poder ajudar a criar e construir seres humanos para uma Terra viva. Seres vivos para uma terra viva. (KRENAK, 2020, p. 20).

O corpo-território-docente indígena potencializa a defesa de uma terra viva para seres vivos, expressos nas aulas de geografia que ultrapassam os muros escolares, expressando no conhecimento passado de geração a geração, conhecimentos milenares expressos na oralidade. A interculturalização do conhecimento geográfico aponta caminhos outros, com possibilidade outras, a decolonização da natureza, do ser e do saber. Essas possibilidades dão alternativas a sustentabilidade dos espaços indígenas, e por sua vez mostram caminhos afirmativos do modo de ser e existir indígenas.

Os corpos da docência Tapeba possibilitam o atravessamento das experiências, experimentando o mundo a partir de suas próprias percepções, possibilitando sentir a energia vital do encontro com o outro, do encontro com a mística da natureza, rasurando certezas pelas brechas possibilitadas por essa construção social. A busca dos caminhos interculturais da geografia indígena Tapeba possibilitam o diálogo com distintas formas de saber, representada pelo grafismo indígena, como reprodução da arte indígena nas aulas de geografia. Nessa construção, os docentes orientam a extração de tinta através das plantas, externando seus marcadores sociais nas representações gráficas corporais, corporificando as lutas sociais Tapebas.

Nesse contexto, vale-se destacar a importância da carnaúba para o povo Tapeba, considerada sagrada, possibilitando alternativas de subsistência e forte representação da espiritualidade do povo Tapeba. Validando essa conjuntura, Isabel Tapeba, anciã da aldeia da Jandaiguaba declara em sua narrativa a importância da carnaúba para seu povo:

Para nós Tapebas é uma planta sagrada, pois tem seus privilégios, ela tem sua força maior desde a extração da cera, da palha que o índio usa muito para fazer tucum, usado para fazer brinco, cocar, pulseira, [...] a madeira é usada para fazer linha. Para nós a carnaubeira é uma planta sagrada, que não tem como se falar de qualquer coisa da terra, se não se falar da carnaubeira, porque ela para nós é útil desde a raiz. [...] onde tem carnaubeira tem facilidade de encontrar água, pois é uma planta que absorve muita água [...]. A carnaubeira para a gente, é tudo. Na seca de 58, muitos índios escaparam comendo a semente da carnaubeira. (Narrativa oral de Isabel Tapeba, anciã da aldeia da Jandaiguaba, Julho/2021).

A carnaúba representa a espacialização das lutas do povo Tapeba, dando sustentabilidade à resistência de seu povo, fortalecendo o vínculo espiritual do povo Tapeba com sua terra ancestral. Esse contexto é dialogado na geografia indígena do povo, fortalecendo o vínculo espiritual com a terra, para defesa dos territórios de vida Tapebas.

Anualmente, em Caucaia, no mês de outubro ocorre a festa da carnaúba, onde são agrupadas as escolas indígenas das aldeias do município para realização de jogos indígenas, toré e rituais no espaço sagrado: “Os Paus Brancos”. Nessa ocasião são lembradas as lutas do povo Tapeba por afirmação, fortalecendo sua memória ancestral.

Nas aulas de geografia e demais disciplinas, são destinados momentos para a preparação dessa celebração, possibilitando momentos interculturais de grande significação para eles. A interculturalidade promove o diálogo entre os saberes escolares e indígenas, gerando fortalecimento de sua cultura. Assim, a geografia indígena encontra caminhos decoloniais na ecologia de saberes, como ponto culminante das epistemologias do Sul, na construção de conhecimentos híbridos, gerados pela interculturalização de saberes. Desse modo, Santos define ecologia de saberes como:

Construções cognitivas coletivas orientadas pelos princípios da horizontalidade (diferentes saberes reconhecem as diferenças entre si de um modo não hierárquico) e da reciprocidade (diferentes

saberes incompletos reforçam-se através do estabelecimento de relações de complementaridade entre si). (SANTOS, 2019, p. 124).

Na ecologia de saberes não há distinção hierárquica entre saberes. Os conhecimentos artesanais produzidos pelas lutas, dialogam com os conhecimentos científicos, corporificando saberes híbridos, onde os atravessamentos das experiências narradas pela coletividade ganham espaço. A geografia indígena, nesse sentido, incorpora saberes artesanais impressos nas narrativas dos corpos-territórios-docentes, anciãos e lideranças de cada aldeia, buscando caminhos alternativos para uma ecologia de saberes, possibilitando a constituição da decolonização necessária a afirmação da defesa dos territórios de vida dos povos tradicionais Tapebas.

Assim, a potencialidade decolonial da geografia indígena é fundamentada, constituindo o espaço geográfico sem fragmentações, onde todos os elementos são intrinsecamente conectados, possibilitando novas contextualizações, novos saberes compartilhados pela coletividade do povo Tapeba. Constitui-se assim, uma geografia que vai além dos conhecimentos disciplinares, possibilitando o diálogo com os saberes artesanais dos povos originários, compondo uma geografia originária das lutas e usada a serviço delas.

### **Considerações finais**

A colonialidade da natureza e da própria vida, desconsidera a mística dos seres ancestrais presentes nas narrativas dos povos originários Tapebas, refutando a conexão dos povos originários à natureza, uma vez que esses saberes não são alinhados ao padrão da modernidade ocidental eurocêntrica. A geografia disciplinar é interculturalizada pelos saberes da ancestralidade, constituindo uma geografia indígena, evidenciando a natureza incorporada aos saberes artesanais do povo Tapeba, revelando uma conexão espiritual com seus elementos, numa convivência horizontal e dialogada.

A docência indígena, nesse contexto, potencializa a defesa de territórios de vida, abrindo pontes entre saberes para o diálogo necessário a decolonização de saberes. Na geografia indígena, a natureza é narrada pela docência evidenciando a mística dos seres encantados, que evidenciam uma relação espiritual dos corpos indígenas com seus elementos. Nela os saberes indígenas Tapebas afirmam uma

terra mãe, da qual são originadas todas as coisas, onde os seres comungam, para onde retornarão e “encantarão” em árvores sagradas, como elementos da natureza, constituindo o que é chamado por eles de “encantarias”.

Suas narrativas revelam saberes que seguem na contramão das narrativas da modernidade, apresentando-se como contranarrativas declarando o corpo-território indígena incorporado à mãe natureza, numa fusão de corpo, espírito e natureza como única expressão de vida, sem fragmentação, interculturalizando a constituição dos saberes ancestrais aos saberes escolares.

A geografia indígena busca caminhos possíveis para a decolonização pelos caminhos das Epistemologias do Sul, através da ecologia de saberes, na construção de conhecimentos híbridos, para a constituição de uma justiça social que possibilite suplantar as camadas de exclusão a qual foram submetidos o povo Tapeba. Desse modo, pensar na forma horizontal que os povos originários se relacionam com a natureza é um convite a reflexão do modo de vida ocidental impregnado no imaginário dos sujeitos, na nossa própria vida, para um modo de vida mais sustentável para manutenção de uma terra vida com seres vivos.

Repensar essas provocações são medidas fundamentais à necessária decolonização das mentes, para uma vida melhor e mais justa, na busca de preservar nosso próprio planeta.

**Artigo recebido em 22 de julho de 2022**

**Aprovado para publicação em 27 de setembro de 2022**

## Referências

ARÁOZ, Horácio Machado. **O debate sobre o “extrativismo” em tempos de ressaca**: A Natureza americana e a ordem colonial. *In*: DILGER, Gerhard; LANG, Miriam; FILHO, Jorge Pereira. *Descolonizar o imaginário*. Editora Elefante, 2016. p. 445-468.

FLEURI, Reinaldo Matias. *Educação intercultural e formação de professores*. João Pessoa: CCTA, 2018.

FERREIRA, Simone Raquel Batista. *Conflitos territoriais e a explicitação de matrizes de racionalidade divergentes: projetos desenvolvimentistas e a emergência de re-existências dos povos e comunidades tradicionais no Espírito Santo*. *In*: CRUZ, Valter do Carmo; OLIVEIRA, Denilson Araújo de (org.). **Geografia e giro**



**descolonial:** experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017. p.179-203.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber.** São Leopoldo: Casa Leiria, 2020. Acesso em: <https://olma.org.br/wp-content/uploads/2020/06/olugardosaber.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2022.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do bem viver.** Rio de Janeiro: UFBA, 2020. *E-book*. Disponível em: <http://www.culturadobemviver.org/>. Acesso em: 14 out. 2021.

LIMA, Marcos Vinícius da Costa. As múltiplas faces da colonialidade hegemônica na genealogia das práticas territoriais do movimento indígena, a partir da segunda metade do século XX no Brasil. *In:* CRUZ, Valter do Carmo; OLIVEIRA, Denilson Araújo de. (org.). **Geografia e pensamento descolonial:** notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017. p. 272-294. *E-book*. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/348714039\\_Geografia\\_e\\_pensamento\\_descolonial\\_notas\\_sobre\\_um dialogo\\_necessario\\_para\\_a\\_renovacao\\_do\\_pensamento\\_critico](https://www.researchgate.net/publication/348714039_Geografia_e_pensamento_descolonial_notas_sobre_um dialogo_necessario_para_a_renovacao_do_pensamento_critico). Acesso em: 08 out. 2021.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. Corpo-território & educação decolonial : proposições afrobrasileiras na invenção da docência. *E-book*. Salvador: EDUFBA, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32375>. Acesso em: 11 out. 2021.

MORTARI, Claudia; WITTMANN, Luisa. Abertura do mundo e re-existências. *In:* MORTARI, Claudia; WITTMANN, Luisa (org.). **Narrativas insurgentes:** decolonizando conhecimentos e entrelaçando mundos. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 20-29. *E-book*. Disponível em: <https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2020/12/narrativas-insurgentes.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo:** a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula. Epistemologias do Sul.(orgs.). São Paulo : Cortez, 2013. *E-book*. Acesso em: [http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/epistemologias\\_do\\_sul\\_boaventura.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/epistemologias_do_sul_boaventura.pdf). Disponível em: 07 nov. 2021.

SHAPANAN, Francelino de. Entre caboclos e encantados. Mudanças recentes em cultos de caboclo na perspectiva de um chefe de terreiro. *In:* PRANDE, Reginaldo (org.). **Encantaria brasileira:** o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. De saberes e de territórios – diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. *In:* CRUZ, Valter do Carmo; OLIVEIRA, Denilson Araújo de.(org.). **Geografia e pensamento descolonial:** notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. *E-book*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017. p. 37-51. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/348714039\\_Geografia\\_e\\_pensamento\\_des\\_colonial\\_notas\\_sobre\\_um\\_dialogo\\_necessario\\_para\\_a\\_renovacao\\_do\\_pensamento\\_critico](https://www.researchgate.net/publication/348714039_Geografia_e_pensamento_des_colonial_notas_sobre_um_dialogo_necessario_para_a_renovacao_do_pensamento_critico). Acesso em: 05 out. 2021.

**Sobre a autoria**

<sup>1</sup>Mestrado em Geografia (2022 – ) pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. E-mail: gisane.andrade@edu.sobral.ce.gov.br